

Jesus: Cartilha

TEIXEIRA DE PASCOAES

TEXTO INÉDITO*

Nota introdutória

O meu prezado amigo Jesué Pinharanda Gomes, investigador bem conhecido, encontrou recentemente na Biblioteca Nacional de Lisboa um pequeno texto inédito de Teixeira de Pascoaes que teve a amabilidade de depor em minhas mãos a fim de o publicar com comentários atinentes. O texto vem identificado pelos serviços da Bibl. Nac. com o título «Jesus: cartilha», a data (1952) e o lugar onde foi escrito (S. João de Gatão). Acrescem ainda as indicações «8 f. aut.» e a «Nota: Inclui desenhos do autor». Está catalogado em «Espólio de T. de P. D3/4949».

Um primeiro problema que o manuscrito levanta é sobre qual o título exacto que o Autor terá querido atribuir-lhe. Com efeito, depois de um desenho de Jesus ressuscitado, ocupando o centro de uma lauda, correspondente a uma folha A5 (e que parece desempenhar no manuscrito a função de capa), na folha que provavelmente quis que servisse como «rosto», entre duas figuras desenhadas (aparentado dois diferentes auto-retratos), lêem-se, ao centro, os dizeres:

Cartilha
por
Teixeira de Pascoaes
Out. 1952
S. J. de G.

* Transcrição, introdução, comentário e notas de Jorge Coutinho

No cimo da primeira folha a seguir, imediatamente antes do texto, porém, o Autor escreveu, ao centro (com a segunda palavra circunscrita):

Jesus Cartilha

Provavelmente, na mente hesitante de Pascoaes estariam três alternativas: a) assumir «Jesus» como título e «Cartilha» como subtítulo indicador do género literário; b) pôr ao contrário: «Cartilha» como título e «Jesus» como subtítulo; c) assumir simplesmente como título «Cartilha». Pode ainda considerar-se a hipótese de ser sua intenção colocar em capa, simplesmente, «Cartilha», e no interior (podendo figurar como rosto do texto) «Cartilha» como título e «Jesus» como subtítulo. Este subtítulo era, em todo o caso, importante, dado que já havia escrito, embora não publicado, *A Minha Cartilha*, cujo conteúdo é bastante diferente do do presente texto. A hipótese de um dos nomes (em princípio, «Jesus») ser para adoptar como título e o outro como subtítulo ou como complemento do título tem a seu favor o facto de Pascoaes já o ter feito com outros livros, como *O Penitente* (Camilo Castelo Branco) ou *A Beira* (num relâmpago).

O manuscrito é uma peça do Espólio de T. de P. que foi há tempos depositado na B. N. Lx^a.

Trata-se provavelmente do último texto escrito por Teixeira de Pascoaes, no próprio ano da sua morte, ocorrida em 14 de Dezembro de 1952, e a escassos dois meses dessa ocorrência. A data exacta manuscrita pelo próprio é «Out. 1952», acrescida da indicação do lugar: «S. J. de G.». A outra «cartilha», a que chamou *A Minha Cartilha*, fora escrita no ano anterior, tendo sido publicada postumamente, em 1954. O presente é, em todo o caso, um texto até agora desconhecido e que, por isso, não consta nem mesmo da exhaustiva bibliografia publicada pelo Prof. António Cândido Franco no volume em que reedita, de Jacinto do Prado Coelho, *A Poesia de Teixeira de Pascoaes* e outros escritos pascoaesianos [seguido de] *A Educação do Sentimento Poético* (Lello Editores, Porto, 1999). Vd. pp. 273-306.

Como nota final, esclareço que, na transcrição do texto manuscrito, optei por utilizar, como tem sido feito em outras recentes edições da obra de Pascoaes, a ortografia actualizada. Assinalei com sublinhado três palavras de leitura mais difícil no manuscrito e cuja correspondência na transcrição considero por isso duvidosa. Aditamos, em rodapé, notas de esclarecimento.

É-me grato manifestar o meu reconhecimento à Ex.ma Senhora D. Maria Amélia Teixeira de Vasconcelos, da Casa de Pascoaes, e ao Senhor Dr. António Lampreia, da Editora Assírio & Alvim, pela pronta autorização de publicar aqui este texto em primeira mão.

JORGE COUTINHO

JESUS: CARTILHA

Na dupla figura do Deus cristão¹, reside a contradição misteriosa em que se baseia o mundo físico, e temos o positivo e o negativo, o *não* e o *sim*; o mundo biológico, e temos a vida e a morte; o mundo moral, e temos o Mal e o Bem. E no mundo religioso, temos Jesus e Cristo.²

Cristianismo deriva de Cristo; e de Jesus deriva Jesuitismo para designar uma religião, e não a Companhia de Loyola. Jesus é o Amor, e Cristo é o Senhor, um Deus profundamente medievo. E a Idade Média está para a Idade Clássica, como o Parténon de Péricles para o dos turistas americanos.

A palavra *Jesuitismo* deve designar a religião de Jesus ou do Amor e dos irmãos; como a de Cristo designa a do Senhor e dos escravos, que não há senhor sem escravos. Jesus reinou nos primeiros tempos; Cristo dominou a Idade Média, e domina ainda. Jesus foi anunciado por São Paulo; e por São Pedro, Cristo. Mas o Futuro pertence a Paulo, não a Pedro. *Salvamo-nos em esperança; o reino de Deus é no futuro. E Deus é liberdade...*³ porque Deus é o Santo Espírito, e o espírito não vive sem liberdade, porque ele é a própria liberdade. Espírito e liberdade, Espírito e acção espiritual significam o mesmo. O Espírito é o Verbo: verbo e sujeito, ao mesmo tempo. Desde que o verbo emudece, o sujeito desaparece. E o corpo não desaparece com a alma?

¹ «Deus cristão» substitui «Jesus Cristo», que o Autor traçou.

² A visão dualista do mundo é típica de Pascoaes, embora a dualidade seja derivada e ande conjugada com a unidade originária e final, reflectindo o fundo gnosticista do seu pensamento. Vd., a propósito, Jorge COUTINHO, *O pensamento de Teixeira de Pascoaes*, esp. pp. 210-217.

³ A frase «Salvamo-nos em esperança» é tirada da Epístola de São Paulo aos Romanos (Rm 8, 24). Depois de a ter usado no *São Paulo*, torna-se uma frase repetida, nos últimos escritos, pelo menos em *Santo Agostinho*, na conferência *Da Saudade* e em *A Minha Cartilha*. Pascoaes assume-a, embora em sentido não exactamente coincidente com o que lhe atribui a teologia cristã (esperança teologal), antes a inserindo no seu idealismo saudosista-gnosticista, como tensão ascensional para o futuro, sendo como tal que a considera salvífica ou redentora. Convertendo a «queda» em ascensão, a esperança transforma a «existência» em «vida» e supera o mal pela sua redenção.

Pensar é pensar livremente, ou conforme a índole do nosso pensamento. O pensamento não pode pensar ou agir, *sub condicione* [sic] ou com um polícia à vista, ou dentro de qualquer credo imposto. Obrigá-lo a pensar, não em harmonia consigo mesmo, ou contra si mesmo, é obrigá-lo a mentir, isto é, a deixar de ser, – o supremo crime! Crime e pecado. Ofende Deus e o homem.

Sim, o espírito é a sua própria acção; paralisá-lo é matá-lo. E que é um defunto? Uma espécie de estátua que apodrece...

E, sendo Deus a Liberdade, não é Cristo ou Senhor: é Jesus, o Amor. E o seu destino é alumiar a criatura humana para que ela seja a consciência, cada vez mais perfeita, do Criador.

Os adeptos de Cristo são escravos. E todas as suas cores parecem pintadas pelo Nuno Gonçalves. Que máscaras [?] da humildade, perante o Senhor e de terror, perante o Inferno! Os adeptos de Jesus são irmãos, e rezam, de pé, não de joelhos... Nem baixam a frente para a terra; elevam-na para o céu.

Cristo foi crucificado e morto pelos escravos; e não voltou à luz do dia; mas Jesus ressuscitou da morte, porque é o amor contra o egoísmo do Senhor... É Ele contra Cristo... E, sendo o Amor contra o Egoísmo, é logicamente a Liberdade contra a Fatalidade, já anunciada no Sísifo da Mitologia, que, de tanto rolar o penedo do alto da encosta para o fundo, e do fundo para o alto, o reduziu a uma pequena pedra numa poesia de Unamuno. E atirou-a depois à cabeça de Júpiter, como vencedor dos Deuses. E Jacob não venceu o Anjo ou Deus, naquele célebre e bíblico duelo? E quem não luta, ao praticar um acto mau, contra a sua própria consciência? Contra si mesmo, enfim, que nós somos Sísifo e Júpiter, Jacob e o Anjo, ou Jesus e Cristo. E, por isso, há jesuítas e cristãos, ou escravos e irmãos. O ideal é a vitória suprema de Jesus. Não a alcançaram já o herói da Fábula e o da Bíblia?

Jesus é o Deus de Paulo, e Cristo o Deus de Pedro. Este, como primeiro Papa, é o primeiro César eclesiástico, sucessor do político, que o político, derrotado pelos Bárbaros, se refez eclesiasticamente, para dominar os vencedores, e Roma continuar a ser a Urbe, a Cidade das cidades, a Capital do mundo. E assim aconteceu graças ao Santo Ambrósio de Milão, grande poeta católico e hábil diplomata. E graças a um imperador, ainda criança, e chamado Graciano.⁴

⁴ Flávio Graciano, imperador romano do Ocidente (375-383), proscreveu do espaço imperial todas as heresias, especialmente o maniqueísmo, e em geral o paganismo. Mandou retirar do Senado romano o altar da Vitória e renunciou ao título de *pontifex maximus* (que acabaria por ser assumido pelos Papas). Transferiu a corte imperial para Milão, onde era bispo Santo Ambrósio.

O sentimento religioso é, para mim, o assunto dos assuntos, ou o nosso mais íntimo sentimento. É que apelamos sempre, em última instância, para um ente sobrenatural e milagroso! E tantos perigos nos rodeiam! E tantos sofrimentos nos assaltam! Ai, de nós, se contarmos apenas com as nossas forças, que nada podem contra o Destino, a que os deuses obedecem, na apreciação dos clássicos poetas... Nada mais comovente que uma pobre mãe, de braços erguidos para o céu, junto dum filho moribundo! E não será mais comovente ainda um ateu perante a sua descrença, abandonado de qualquer amparo aliviante? Não me falem nos estoicos, que me[n]tem [?] ao próximo e a si próprios, com a eloquência dum Epicteto ou Marco Aurélio...

O sentimento religioso não será a alma da nossa alma? Prefiro perguntar a responder... que só os estúpidos respondem a tudo ou sabem tudo. O que é certo é a Arte, outra filha do nosso espírito, acompanhar aquele sentimento, através dos séculos. Assim as Deusas do Paganismo não andaram somente na fantasia popular, mas também na inspiração dos Artistas. Petrificaram em estrelas, que a estatuária é individualizante até à máxima expressão marmorizada. Que é o indivíduo senão inúmeros indivíduos tão fundidos uns nos outros que eles avultam individualmente? E temos Fídias e o Período clássico da Arte. Se a estatuária deu o Paganismo, a pintura deu o cristianismo medievo, vulgo, Catolicismo. A estátua é o indivíduo em todas as suas dimensões espaciais, e duma evidência empedernida. Mas um retrato a óleo é uma superfície plana, donde se elevam relevos ilusórios... é um ser indeciso, só tela e tinta. Há a estátua de Apolo e o retrato de Cristo. E a Duncan deles, a visionar a Dança do Futuro. A mínima distância que separa a estátua do retrato é a mesma que separa o Paganismo citadino do Catolicismo, ou o *ego* da *caritas*, ou o irmão fechado sobre si mesmo da Irmandade aberta em todos os sentidos.

A estatuária pagã enche a Idade Clássica, e a pintura católica a Idade Média. Se há escultores é na Grécia de Péricles; e se há pintores é na Itália de Leão X. Miguel Ângelo é um caso excepcional, um sobrevivente monstruoso da Idade Clássica.

À Pintura sucedeu a Música, a arte moderna, e de todas as artes, a mais universal. Haydn compôs a ópera *A Criação do Mundo*, convencido de que só a Música seria capaz de exprimir semelhante acontecimento cósmico! E porquê? Porque o Universo é feito de ondas sonoras.⁵ E as

⁵ A ideia de que o Universo, na sua intimidade e ultimidade, é de índole sonora e musical é recorrente em Pascoaes, e foi particularmente explorada na conferência *Da Saudade*, que proferiu no Conservatório Nacional já no último ano de vida e onde condensa ideias já anteriormente afloradas na obra.

ondas luminosas são da mesma natureza. O som é luz ouvida, e a luz, é som visível. Eis o que o génio de Haydn pressentiu.

Apolo é o deus da Escultura, o da Pintura é Cristo morto, e o da Música é Jesus ressuscitado. A música é a arte de Jesus. Só Ele pode dar a ressurreição, como dá a morte a Escultura, e a Pintura a vida. E a evolução do Universo vai da Música à Escultura, é uma transição daquela para esta, o líquido entre o gelo e o vapor. A névoa, eis o mármore de Beethoven, o mármore é a névoa de Miguel Ângelo. E [o Cristo morto] é o Deus lusíada. E quem visita no domingo de Páscoa as nossas casas não é Jesus ressuscitado, é Cristo morto na cruz! Que fúnebre absurdo! Em Castela, reina Cristo, o Senhor, o de Velásquez e o do *soneto* de Santa Teresa. Mas o supremo canto da nossa Poesia é o *soneto à Virgem* de Antero de Quental. É que a Virgem é Mãe de Jesus, não de Cristo. Cristo descende de Jeovah e da alma escrava. Os dois sonetos, o de Teresa e o de Antero são os mais altos cumes do Parnaso ibérico, que a Ibéria tem o seu Parnaso, como a Grécia. Há o Parnaso oriental e o ocidental. A própria existência europeia só atinge a vida nos seus dois extremos: o amanhecendo e o entardecendo, o berço do sol e o seu túmulo. E em Jesus há o fantasma de Apolo, como na Virgem há o de Vénus. E o amor não é o fantasma do ódio, que falece para ressurgir amorosamente?

O próprio ódio é amor. Que é o ódio à guerra senão o amor à paz? Que é o ódio ao ódio? O ódio e o amor... Trata-se dum sentimento apenas, que se conserva misterioso, e só nos mostra as suas formas: a odienta ou plutónica [?] e a amorosa ou divina. O Bem e o Mal são uma única energia actuando no sentido da luz ou no das trevas, como Deus ou é Cristo ou Senhor, ou é Jesus ou Irmão.

O Jesuitismo é, portanto, a última palavra acerca de Deus ou do *Anti-casos*, como chama à Divindade o matemático e filósofo inglês Artur Edington... Que a ciência actual começa a notar, para além dos fenómenos atómicos, uma força ignota que, escapando-se ao carácter fenomenal, parece actuar como sendo a Fonte da existência, e, por isso, da Vida; a revelação, enfim, da Divindade, sob dois aspectos: o criador através do mundo físico, e o redentor através da humana criatura.⁶ O Redentor, o Santo Espírito amoroso. Se os escravos adoraram o Senhor, descendente do Padre

⁶ Pascoaes, poeta-pensador religioso e metafísico, sempre tendeu a olhar o mundo em termos de ambivalência de dois planos, físico e metafísico. Mas, ao mesmo tempo, sempre tendeu gnosticamente a reduzir o seu dualismo a um radical monismo, concebendo o plano metafísico ou último do real na continuidade do físico, como originário estágio e estado deste. Particularmente nos últimos anos, procurou na física de ponta a confirmação para esta sua visão holística e monística. É, afinal, o que faz hoje aquele movimento esotérico que dá pela designação de *New Age*, em sua tendência para fundir ciência e religião.

Eterno ou Jeovah, adoram Jesus os homens livres e irmãos: livres ou cada um conforme a sua alma; irmãos ou todos um só na Irmandade. Assim, o culto da Virgem e de Jesus, do Filho tão ligado à mãe, como durante os nove meses, é ou será a Religião da Humanidade. O homem jamais prescindirá de Deus, perante o mistério infinito que entenebrece absolutamente os confins ou senfins do Firmamento, martirizados de estrelas que são vozes incandescentes e intraduzíveis, em nublosas ou papéis em branco, fugindo vertiginosamente numa direcção oposta ao nosso mundo...

Numa palavra:

Jesus é que é o Santo Espírito criador e redentor, ou o Pecado Criador e o Arrependimento Redentor, o Erro e a Emenda.⁷

A Criação é uma obra científica, que a inteligência humana vai copiando, cada vez melhor. Note-se o progresso que medeia entre o átomo de Demócrito e o de Bohr, a astronomia de Ptolomeu e a de Newton, a patologia de Galeno e a de Pasteur, a cataplasma e a penicilina, o sobremarino e [o] submarino, a carta e o telegrama, o betão e o avião, a fotografia a luz e a a som...

O Santo Espírito preside ao mundo material e ao moral; mas é neste que ele se ilumina esplendorosamente, ou na eterna manhã da Aleluia! Ei-lo, de pé, sorrindo, sobre a tampa do sepulcro, no jardim de Arimateia, ante os olhos de Maria de Magdala, segunda Mãe... que todos nós temos duas mães, – a que nos dá à luz da vida e a que nos dá à luz do amor, a dramática e a idílica, a criadora e a redentora. Quem distingue a nossa mãe da mãe dos nossos filhos? Nascemos da nossa mãe e nascemos da nossa bem-amada. Quem distingue um pai dum filho? Quem distingue Maria de Maria, embora uma seja de Nazaré e a outra de Magdala? Este acontecimento da ressurreição não pode ser tangível ou visível. Só pode ser ouvido como *Canto do Futuro*.

No que, para aí, fica escrito, interveio apenas uma pena de tinta permanente.

Teixeira de Pascoaes

⁷ A ideia gnóstica de Pascoaes está aqui dada em síntese. A concepção do mundo como Deus decaído, da criação como a Queda (original) de Deus – e, por isso, como o seu pecado –, bem como a da Ascensão do mundo para se reencontrar de novo em Deus, e que é o movimento de (auto-)redenção do mesmo mundo pela mediação do homem... é recorrente na obra do Pensador e encontra-se expressa com especial ênfase no *São Paulo*.

[P. S.: Resumo]

Vejo em Jesus Cristo uma dupla divindade: Jesus Deus do amor e Cristo ou Senhor (Cristo em grego significa Senhor) ou deus dos escravos. Oponho, portanto, o culto de Jesus ao de Cristo. Considero Jesus o Deus de Paulo, isto é, da Humanidade, e Cristo o Deus de Pedro, que considerava o Messias como enviado apenas aos judeus, aos da circuncisão, porque os incircuncisos eram o resto da Europa.

É assim que eu interpreto o Novo Testamento, talvez hereticamente para o catolicismo tradicional.

Como há-de o espírito viver sem liberdade se ele é a própria liberdade? Negar-lhe a liberdade, é negá-lo! O maior crime!

Comentário

Um primeiro dado interno curioso deste pequeno texto é a insistência de Pascoaes na ideia de escrever cartilhas. Como eu próprio observei, no estudo que fiz e publiquei sobre ele⁸, fica a impressão de que o Poeta, que, ao menos depois da sua participação na campanha saudosista da «Renascença Portuguesa», foi sistematicamente um pensador anti-dogmático, nos últimos tempos da sua vida sentiu necessidade de se arrimar a um punhado de certezas, mesmo que em modo de pura crença, expressamente assumida como não absoluta. Era, provavelmente, a sua vital necessidade de um sentido último para a vida e de o fixar em termos de «credo» religioso para uso pessoal, necessidade naturalmente mais imperiosa desde que, com a saúde debilitada e a vida biológica a desmoronar-se, lhe restava, como certeza, o fim próximo. Pascoaes parece sugeri-lo no que diz no décimo parágrafo do seu texto.

O seu «credo» fixa-se, no caso, em torno da palavra «Jesus». É uma palavra usada como exclusiva e antitética, intencionalmente excludente do seu habitual complemento, «Cristo», e como antítese deste. Esta dupla atitude de Pascoaes, por Jesus e contra Cristo, constitui efectivamente a essência do desenvolvimento do texto. Seguindo o mesmo texto, não é difícil compreender em que sentido e porquê se afirma nele esta contraposição.

⁸ Cf. Jorge COUTINHO, *O Pensamento de Teixeira de Pascoaes*, Publicações da Faculdade de Filosofia, Braga, 1996, p. 388.

Por um lado, que é o lado positivo da sua opção – por Jesus –, ela pode vir na linha da necessidade atrás referida, representando Jesus, para ele, uma figura e de algum modo um mistério, a que o Poeta pode ter querido «agarrar-se» nesse naufrágio final da sua vida.

Mas esta opção e posição, assumida tão clara e insistentemente nesta espécie de (derradeiro) testamento espiritual, pode ter sido, além disso, ditada por alguma necessidade de Pascoaes se explicar e porventura defender em face de possíveis pressões de última hora para que, ao menos na iminência da morte, aderisse à doutrina oficial da Igreja católica. Afinal, «cartilha» significa etimologicamente «pequena carta». No caso, seria uma espécie de carta aberta àqueles que se preocupavam com a sua opção religiosa, esclarecendo sobre a mesma, em modo de testamento espiritual. Sugestivas parecem ser, a este respeito, as suas palavras finais, em modo de *post-scriptum*: «É assim que eu interpreto o Novo Testamento, talvez hereticamente para o catolicismo tradicional. Como há-de o espírito viver sem liberdade se ele é a própria liberdade? Negar-lhe a liberdade, é negá-lo! O maior crime!».

Não conheço factos positivos a tal respeito. Mas, além de algumas críticas duras a *São Paulo*⁹, ainda na década de 30, e ao *Santo Agostinho*¹⁰, sete anos antes da morte, críticas a que Pascoaes foi sensível, embora não tenham alterado a sua crença própria, é natural que amigos como o jesuíta P. António de Magalhães, frequentador da sua casa, os próprios familiares e a envolvência geral do meio aldeão onde vivia, talvez mesmo com a preocupação de que não lhe viesse a ser negado um funeral religioso e católico... são factores que podem estar na origem próxima desta espécie de profissão de fé *in articulo mortis*.

Pascoaes faz, porém, questão de a fazer em modo de posição e contraposição: por Jesus, mas contra Cristo. Esse «contra» é o outro lado (o negativo) da sua opção. Pode estar aí, antes de mais, uma certa marca do racionalismo teológico herdado do Iluminismo e, mais directamente, das suas leituras de um dos mais conhecidos e influentes «historiadores críticos de Jesus», Ernest Renan, cuja obra pode (ou pelo menos pôde) ser vista no acervo bibliográfico da Casa de Pascoaes em Gatão e que foi propriedade do Poeta. Este leu, certamente, pelo menos o *Saint-Paul*, como confessou um dia ao seu amigo Albert Thelen.¹¹

⁹ Veja-se, como caso exemplar relativamente à edição portuguesa, especialmente a crítica de A. Fernandes dos SANTOS, em «*São Paulo*», por *Teixeira de Pascoaes*, «Acção Católica», Ano XIX (1934), pp. 288-291 e 359-361; e o comentário crítico de Leonardo COIMBRA, em «*São Paulo*» de *Teixeira de Pascoais*, in *Dispersos – IV: Filosofia e Religião*, Editorial Verbo, Lisboa, 1991, pp. 206-224.

¹⁰ João MENDES, *Santo Agostinho ou Teixeira de Pascoaes?*, «Brotéria», 41 (1945) 519-525.

¹¹ «No S. Paulo não fui além do Renan». Referido em Olívio CAEIRO, *Albert Vigoleis Thelen no Solar de Pascoaes*, Brasília Editora, Porto, 1990, p. 49.

Aqueles historiadores fizeram cavalo de batalha com a distinção entre o Cristo da história (mais propriamente, Jesus de Nazaré) e o Cristo da fé. Aquele foi considerado como figura histórica, realmente existente em seu tempo, tendo vivido e morrido como qualquer mortal, ao passo que este, em sua condição de ressuscitado, era tido como pura invenção idealizante da primeira geração da Igreja, a geração apostólica.

A oposição aqui cultivada por Pascoaes é todavia de outra ordem. O que está em causa não é propriamente a figura individual de um Jesus ou de um Cristo – ressuscitado ou não – mas uma certa forma de religião ou, se preferirmos, um determinado espírito ou uma certa cultura religiosa que se reclamou do nome de Cristo, contra outra que o Pensador reclama como melhor encarnando o verdadeiro espírito de Jesus. Jesus contra Cristo é, afinal, no seu modo de ver, o verdadeiro cristianismo contra o falso cristianismo. Aquele representa um ideal de liberdade e fraternidade (atente-se na coincidência com a trilogia da Revolução Francesa); este, o de domínio de uns à custa da escravização de outros. O primeiro teve a sua encarnação na história desde o século IV, tendo-se afirmado especialmente (como Pascoaes refere expressamente no texto), no cristianismo medievo – o da Cristandade – com o seu poderio espiritual e material e o seu espírito de senhorio, mesmo temporal, sobre o mundo (tão bem simbolizado na figura do Cristo *Pantocrator* ou Rei do Universo, esculpida em muitas catedrais góticas), e perdurava ainda, embora em modos e medida diferentes, ao tempo em que o nosso Poeta viveu a totalidade da sua vida; o segundo representa o verdadeiro Evangelho cristão e foi realidade histórica nos primeiros três séculos da nossa era. Cristo e Jesus são pois aí dois nomes que funcionam literariamente como metonímias.

Pascoaes conhecia este cristianismo imperialista pelo seu próprio conhecimento da História. Mas não será infundado presumirmos haver na sua posição influência directa de outros pensadores, estrangeiros e portugueses, com especial relevo para Nietzsche, um dos pensadores de fim-de-século que mais marcaram o seu próprio pensamento, e Sampaio Bruno de quem também sofreu influência. O solitário de Sils Maria, que não escondia a sua admiração pela figura de Jesus, opôs-se frontalmente ao cristianismo por o considerar inimigo da vida e professar uma «moral de escravos».¹² Quanto ao pensador portuense, escreveu páginas impressionantes sobre as actuações da Inquisição.

Pascoaes, faz questão de rejeitar o Cristo, por, com este nome, segundo pensa, se significar «Senhor». A ligação da palavra «Cristo» ao significado de «Senhor» tem fundamentos bíblicos. Não é, todavia, como diz o Poeta no texto,

¹² No manuscrito pode ver-se mesmo, embora rasurada, uma fugaz referência à Inquisição. A influência directa de *A Ideia de Deus* de Sampaio Bruno pode também ter aí a sua marca.

sua correspondente directa. *Christus*, transcrição latina do grego *Christós*, traduz o termo hebraico *Mesiah* (Messias), que significa «Ungido». Em Israel o rito da unção significava, entre outras coisas, a consagração pela qual alguém era destacado de entre o povo para exercer funções de sacerdote, de profeta ou de rei, e para isso revestido da força do Alto. Da unção régia é que deriva a ligação semântica da palavra «Cristo» à ideia de senhorio. Na história religiosa de Israel, o termo Messias acabaria por significar o Salvador prometido por Deus e esperado pelos crentes. Ele seria simultaneamente sacerdote, profeta e rei. A designação de Senhor advirá da sua identificação com o próprio Deus, o qual, já desde o Antigo Testamento, era considerado o Soberano e Senhor de toda a terra. Senhor, porém, era dito em hebraico, em plural intensivo, *Adonai*, e em grego, *Kyrios* (não *Christós*). Curiosamente, terá sido porventura S. Paulo (o apóstolo da preferência pascoaesiana) – que não Pedro (o da sua antipatia) – quem mais contribuiu para a qualificação de Senhor dada a Jesus ressuscitado. A referência do Apóstolo a Jesus é feita, nas suas epístolas, sobretudo com as expressões «Cristo», «Jesus Cristo», «Cristo Jesus», «o Senhor», «Cristo Jesus nosso Senhor».

Como quer que seja, o genuíno significado que na Bíblia se lhe atribui, além de ser ele mesmo evolutivo, orienta-se para um sentido que está longe do senhorio temporal. Se para muitos judeus do tempo de Cristo, o Messias era ainda esperado como um rei dominador no plano temporal, Jesus faz questão de corrigir também esta ideia do judaísmo. Por isso fugiu à multidão, quando esta pretendia proclamá-lo rei (cf. Jo 6, 15). Por isso também, quando, em tribunal, respondeu a Pilatos assumindo que efectivamente era rei, logo acrescentou: «O meu reino não é deste mundo» (cf. Jo 18, 36). Eloquentemente, a este respeito, foi o seu gesto de, na Última Ceia, lavar os pés aos discípulos, acrescido do comentário: «Dei-vos o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também» (Jo 13, 15).

Infelizmente, passados que foram os primeiros séculos da afirmação do cristianismo – a que Daniel Rops chamou «a Igreja dos Apóstolos e dos Mártires» – este tendeu efectivamente a ceder à tentação de restaurar a antiga ideia judaica e veterotestamentária de uma religião de domínio universal, incluindo o domínio temporal. Intervêm aí influências várias, desde a paz constantiniana e o estatuto de religião oficial concedidos pelo Édito de Milão (313), com a consequente organização administrativa da Igreja decalcada na do Império Romano, passando pelo crescente domínio dos monges e seus mosteiros no universo de submissa inferioridade cultural dos Bárbaros, até à restauração do Império do Ocidente por Carlos Magno no ano 800, com as bênçãos da Igreja e a pretensão de fazer deste o substituto, *in nomine Dei* e como Império «cristão» ou «sacro Império», do antigo Império pagão. Assim surgiu a Cristandade medieval. Aos factores referidos há que acrescentar um novo, do momento histórico em presença, que era a necessidade de responder com eficiência ao expansionismo islâmico ameaçador da Europa e do mundo cristão em geral. A um imperia-

lismo em que se misturavam a fé religiosa com o poder e a acção militares, o cristianismo da Cristandade europeia respondeu com outro de sinal «cristão». Foi o tempo das Cruzadas ou da grande cruzada contra a ameaça dos mouros. E assim se consolidou um certo modelo de Igreja imperial, presidido por um papa que, em vez de humilde sucessor de Pedro como «servo dos servos de Deus», antes se assumiu como «Sumo Pontífice», sucessor do romano «*Pontifex Maximus*», e de que algumas marcas – incluindo a persistência de Roma como sua capital e centro vital de governo e de controle – perduraram até ao fim da medievalidade, prolongando-se ainda pelos tempos modernos até ao Concílio Vaticano II, e algumas chegando mesmo, embora já praticamente inofensivas, até aos nossos dias. Por esses pecados institucionais da Igreja andou o Papa João Paulo II, humildemente, a pedir público perdão, nos anos em que a mesma Igreja preparava o grande Jubileu dos seus 2000 anos de existência.

É conhecida a reacção da modernidade a esta e a outras marcas do cristianismo da Idade Média. Ao seu espírito de domínio reagiu com a crescente afirmação da autonomia humana em face de Deus, da razão em face da Fé e das realidades seculares em face do domínio religioso. O epílogo desta autonomia advirá com a «morte de Deus», a total secularização da cultura e a afirmação do *regnum hominis* contra a velha pretensão de um *regnum Dei* já neste mundo, e agora rejeitado não só como reino imbuído de poder e domínio temporal mas também como reino espiritual em que Deus tivesse o estatuto de Senhor e o homem de seu adorador.

De facto, a moderna recusa de Deus como Senhor não se fez sem a contrapartida da transferência do seu senhorio para o homem. Inverteram-se os papéis. Ao mistério cristão da Criação do homem e do mundo por Deus contrapuseram os modernos a tese de um Deus-criatura-do-homem. Feuerbach tornou-se a figura emblemática desta nova postura «religiosa»: *homo homini deus*. Ao mistério da Encarnação, ou de um Deus que se faz homem para elevar o homem à altura de Deus, contrapuseram outros a afirmação de um homem que assume prometeicamente o papel de Deus, e se considera, além de seu (de Deus) criador, também seu redentor. E tal foi a gnose moderna, desde Hegel a Pascoaes. No epílogo da modernidade, deparamos com Nietzsche, a sua vontade de poder e a sua proposta de um «homem superior», substituto de Deus num infinito deserto de Nada. E foi o advento do niilismo. Proclamada a «morte de Deus», abalado o pensamento metafísico tradicional, reduzido a nada o que era tido como fundamento absoluto, a realidade em si, conforme o Nietzsche de *O crepúsculo dos ídolos*, tornou-se mera fábula. Uma imensa confusão e um grande desnorte, mesmo do ponto de vista de um mínimo de bom senso da razão (essa deusa da modernidade) instalaram-se no panorama do mundo tardo-moderno e pós-moderno, sucessor do moderno e que é o nosso mundo de hoje e era já, ao menos incipientemente, o mundo de Pascoaes. Por aí se entende também que o autor de *O pobre tolo*, herdeiro de bastante do espírito da loucura e da ironia

nietzscheanas, entenda o mundo e a vida como um imenso fantasmagórico «bailado de máscaras».¹³

Uma parte da geração de fim-de-século (XIX), onde se filia ainda a formação da mentalidade e se inicia o pensamento do jovem Teixeira de Pascoaes, viveu de forma particularmente intensa o drama desta derrocada de Deus e da religião, sem substitutivos capazes de exercerem funções essenciais e sobretudo de realizarem necessidades vitais que aquele e aquela realizavam. Lembremos o Dostoyevski de *Os Irmãos Karamazov*, Miguel de Unamuno de *La agonía del cristianismo* ou, entre nós, Sampaio Bruno, Guerra Junqueiro e sobretudo Raul Brandão.

É sabido que Teixeira de Pascoaes foi sempre – repete-o nesta «cartilha» – religiosamente um heterodoxo. O seu ideário religioso movia-se, porém, como quer que seja, bastante na procura de um cristianismo «em espírito e verdade». Como quer que seja, foi um dos que mais lutou pela afirmação da natureza estruturalmente religiosa do ser humano e pela sua defesa face à maré montante de ateísmo, indiferentismo e irreligiosismo. Por feitio e formação, porém – nesta ocupando lugar de relevo a sua leitura de Nietzsche, e naquele o seu temperamento romântico, anárquico e anti-dogmático –, a sua religião, sempre em boa parte tributária do cristianismo – embora sintetizado com uma nietzscheana componente de paganismo –, afirmou-se sempre como religião de liberdade ou de autogestão, em seu entender identificável com o cristianismo de Paulo, e antitética do cristianismo de Pedro («vulgo catolicismo», como diz no presente texto). É essa antítese que está aqui particularmente expressa, neste escrito final da sua vida e obra de pensador.

O inédito de Pascoaes agora editado reveste-se assim de uma grande importância para o conhecimento quer da sua ideia religiosa em geral quer do juízo que fazia de Jesus Cristo e do cristianismo em especial, designadamente no final da sua vida, quer de um certo modo como o mesmo cristianismo era visto por bastantes intelectuais, em Portugal e no mundo, não sem algum fundamento, na sua maneira de se ver e afirmar a si mesmo, seja no interior da Igreja seja em face do mundo, na tradição do paradigma eclesiológico proveniente da Idade Média e persistente, mesmo em sua doutrina oficial, até ao Concílio Vaticano II (1962-1965). Alguns ainda hoje é assim que vêem, ao menos o catolicismo, porventura agora mais por ignorância da sua realidade presente ou mesmo por sistemático preconceito e má vontade. Foi aquele Concílio que, finalmente, seguindo a intuição do bom papa João XXIII, procurou a «refontalização» da

¹³ TEIXEIRA DE PASCOAES, *Verbo Escuro*, in vol. 18 das «Obras de Teixeira de Pascoaes», Assírio & Alvim, Lisboa, 1999, «As máscaras» VIII, ed. cit. p. 74.

Igreja, isto é, o seu regresso à genuinidade evangélica dos tempos apostólicos, ao figurino de uma «Igreja serva e pobre», com renúncia ao velho paradigma histórico da Cristandade medieval. Se porventura subsistem ainda restos deste paradigma no espaço da Igreja, mais grave pode estar sendo, do ponto de vista da genuína fé cristã, quer na prática dos cristãos quer mesmo no interior de alguma teologia, uma certa redução de Jesus Cristo a uma espécie de «doce filantropo», aliada a um certo esquecimento da consideração do nuclear do seu mistério que justamente, desde o princípio do cristianismo, anda subjacente à designação de Jesus como «o Senhor».¹⁴

JORGE COUTINHO

¹⁴ Vd., a propósito, o «Avant-Propos» do Cardeal J. RATZINGER, no seu recente livro *Chemins vers Jésus*, Editions Parole et Silence, Paris, 2004, pp. 5-7.